

PREVALÊNCIA DE BULLYING E EMOÇÕES DE ESTUDANTES ENVOLVIDOS¹

Julliane Messias Cordeiro Sampaio², Gabriela Valente Santos³, Wanderlei Abadio de Oliveira⁴, Jorge Luiz da Silva⁵, Marcelo Medeiros⁶, Marta Angélica Iossi Silva⁷

¹ Pesquisa com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo n. 482842/2010-5.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Enfermagem em Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP), da Universidade de São Paulo (USP). Bolsista CNPq. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: enfajulliane@usp.br

³ Aluna de Graduação da EERP/USP. Bolsista PIBIC/CNPq. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: gabrielavalente@gmail.com

⁴ Doutorando do Programa de Pós-Graduação Enfermagem em Saúde Pública da EERP/USP. Bolsista CAPES. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: wanderleio@usp.br

⁵ Doutorando do Programa de Pós-Graduação Enfermagem em Saúde Pública da EERP/USP. Bolsista FAPESP. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: jorgelsilva@usp.br

⁶ Doutor em Enfermagem. Professor Associado da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: marcelo@fen.ufg.br

⁷ Doutora em Enfermagem em Saúde Pública. Professora Associada do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da EERP/USP, São Paulo, Brasil. E-mail: maiossi@erp.usp.br

RESUMO: Este artigo objetivou estimar a prevalência de *bullying* escolar e identificar as emoções dos estudantes envolvidos. Trata-se de um estudo transversal e descritivo, desenvolvido mediante a aplicação de um questionário em 232 estudantes do sexto ao nono anos do ensino fundamental de uma escola pública. Dentre os resultados encontrados, destaca-se a grande quantidade de participação dos estudantes investigados em atos de *bullying* (39,6%), dos quais 22,2% eram vítimas e 17,4% agressores. A raiva foi a emoção prevalentemente experimentada pelas vítimas durante as agressões que sofriam. Já os agressores, em sua maioria, relataram que o fato de agredirem seus colegas não gerou emoções. A alta prevalência do *bullying*, suas características e as consequências negativas por ele acarretadas o configuram em problema de saúde pública. O estudo remete à importância da identificação das emoções associadas à ocorrência do *bullying*, tema ainda pouco explorado e que pode contribuir na construção do cuidado integral da saúde do escolar.

DESCRIPTORES: Violência. Bullying. Saúde escolar. Ação intersetorial.

EMOTIONS OF STUDENTS INVOLVED IN CASES OF BULLYING

ABSTRACT: The objective was to estimate the prevalence of school bullying and identify the emotions of students involved. In this cross-sectional and descriptive study, a questionnaire was applied to 232 sixth-grade students of a public school. The results show a large number of students involved in bullying (39.6%): 22.2% were victims and 17.4% were aggressors. Anger was the most frequent emotion experienced by the victims when suffering aggression, while most aggressors reported that no emotions were experienced when abusing their peers. The high prevalence of bullying, its characteristics and the negative consequences that arise make it a public health problem. This study covers the importance of identifying emotions associated with school bullying, a subject seldom explored, which can contribute to the development of integral healthcare delivered to students.

DESCRIPTORS: Violence. Bullying. School health. Intersectorial action.

EMOCIONES DE LOS ESTUDIANTES QUE PARTICIPAN EN SITUACIONES DE ACOSO ESCOLAR

RESUMEN: Este estudio tuvo como objetivo estimar la prevalencia del acoso escolar y identificar las emociones de los estudiantes involucrados en su violencia. Se trata de un estudio descriptivo transversal, desarrollado con 232 estudiantes del sexto al noveno año de la escuela primaria en una escuela pública. Entre los resultados, la participación de los estudiantes en intimidación fue de 39,6%, 22,2% eran víctimas y 17,4% eran agresores. La ira es la emoción predominante experimentada por las víctimas. En cuanto a los autores, la mayoría informó que no sintió emociones mientras que la agresión hacia sus compañeros. La alta prevalencia del acoso escolar, sus características y las consecuencias negativas que conlleva lo tiene configurarlo en un problema de salud pública. El estudio apunta a la importancia de identificar las emociones asociadas a la ocurrencia de acoso escolar, aún no exploradas tema que puede ayudar en la construcción de la salud integral de la escuela.

DESCRIPTORES: Violencia. Acoso escolar. Salud escolar. Acción intersectorial.

INTRODUÇÃO

A qualidade das relações interpessoais vivenciadas na escola representa importante aspecto para o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes. Isso porque, além do seu compromisso com a educação formal, as instituições escolares se configuram como contextos de socialização entre pares que possibilitam às crianças e aos adolescentes a aquisição de conhecimentos relacionais e o desempenho de habilidades sociais que dificilmente poderiam ser alcançados em outros ambientes que não oportunizassem interação mais direta com seus pares.¹ Entretanto, nos processos interacionais entre os alunos, em alguns momentos, podem ocorrer situações assinaladas por conflito ou violência. A participação ou exposição à violência escolar provoca respostas emocionais que podem induzir os estudantes a comportamentos de luta ou fuga que interferem negativamente na saúde e nos seus processos de socialização e aprendizagem.²

Um dos tipos mais comuns de violência entre pares na escola corresponde ao *bullying*, que é caracterizado pela repetitividade das agressões, pelo desequilíbrio de poder entre agressores e vítimas e pela intencionalidade das ações.³ De acordo com essa definição, não constitui *bullying* as agressões praticadas entre alunos que apresentem similaridade de poder (físico, psicológico ou verbal) referente a possibilidades de ataque agressivo a colegas e/ou proteção contra a violência sofrida.

Este tipo de violência se desenvolve em contextos interacionais dinâmicos, nos quais os alunos desempenham papéis específicos: agressores, vítimas e testemunhas. As agressões praticadas são classificadas em três categorias distintas: física (socos, pontapés, empurrões), verbal (xingamentos, apelidos pejorativos, fofocas e insultos) e psicológica (exclusão social/isolamento do colega).^{4,5}

A ocorrência desse fenômeno pode ser verificada em praticamente todas as escolas do mundo.⁶ Uma pesquisa transcultural realizada em 35 países da Europa e América do Norte identificou uma prevalência para vitimização variando em 4,1% a 36,3%.⁷ No Brasil, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE - 2012) identificou que 7,2% dos alunos investigados afirmaram ser frequentemente vitimizados e 20,8% praticaram algum tipo de *bullying* contra os colegas.⁸ A elevada taxa de ocorrência e frequência apresentada pelo *bullying*, associada às diversas consequências negativas acarretadas por ele ao processo ensino-aprendizagem, à saúde e à qualidade de vida das vítimas,

testemunhas e agressores, contribui para que seja considerado um problema de saúde pública.⁹

A literatura científica tem demonstrado que a exposição ao *bullying* no ambiente escolar pode ocasionar diferentes problemáticas relacionadas à saúde física e mental.^{3,5} No tocante às vítimas e testemunhas, elas se encontram mais propensas a apresentar constante medo, ansiedade, pensamentos negativistas, baixa autoestima, depressão, autoflagelação, sintomas psicossomáticos (dores de cabeça, tonturas, problemas estomacais, entre outros) e ideação suicida.¹⁰ Os agressores, em seu turno, tendem a se envolver em situações de violência doméstica, abuso de substâncias psicoativas, vandalismo e prática infracional.¹¹⁻¹³

As consequências do envolvimento em situações de *bullying* podem acompanhar a vida dos alunos e direcionar a maneira que estes atribuem sentidos, significados e/ou respondem às relações sociais. Além disso, é importante destacar que, embora as condições crônicas de saúde associadas ao *bullying* possam demorar algum tempo para manifestar, as consequências sociais, como solidão, exclusão social, baixo desempenho escolar, faltas reiteradas às aulas, evasão, entre outras, apresentam ocorrência imediata e impactam negativamente nas qualidades de vida e de escolarização dos estudantes.¹⁴

Apesar dos efeitos prejudiciais do *bullying*, a maioria das vítimas não denuncia as agressões sofridas para os familiares ou professores, seja por temerem a reação dos agressores, por recearem não serem acreditadas pelos adultos ou por desenvolverem a percepção de que é normal a situação em que se encontram. Assim, as agressões podem ocorrer por muitos anos sem serem notadas por familiares e autoridades escolares.¹⁵ Portanto, esforços direcionados à identificação precoce do *bullying*, como um sinal de alerta de outros problemas de desenvolvimento pessoal, social, escolar e de saúde são de fundamental importância para o seu controle e erradicação no contexto escolar. Como os efeitos negativos das agressões não desaparecem com o tempo, também é de suma relevância envolver esforços na investigação dos fatores associados a sua ocorrência e continuidade.¹⁶

Neste sentido, as emoções representam aspectos que, numa perspectiva pessoal, podem ajudar a esclarecer os efeitos prejudiciais exercidos pelas agressões sobre vítimas e agressores. Isso porque, em diversas situações, é a interação social que subsidia os estados emocionais, determinando a ocorrência das emoções, a maneira como serão

expressas e as consequências delas decorrentes,¹⁷ uma vez que os estados emocionais estimulam ações que determinam padrões de atividade fisiológica, os quais subsidiam o comportamento. Ou seja, as emoções exercem efeitos de mediação entre eventos externos e internos, modulando a reação e resposta comportamental ao *bullying*.¹⁸

Sumariamente, identificam-se dois tipos de emoções: primárias e secundárias. As emoções primárias (raiva, tristeza, medo, felicidade, entre outras) são universalmente manifestadas pelas pessoas. Por outro lado, as emoções secundárias encontram-se atreladas a influências de natureza social e cultural (vergonha, culpa, orgulho, dentre outros).¹⁹ Em relação às vítimas de *bullying*, o estudo das emoções auxilia no entendimento dos resultados decorrentes das agressões por elas sofridas, do estresse associado, bem como da resposta comportamental que emitirão diante dos agressores, o que pode tanto interromper as agressões quanto agravar sua frequência e intensidade. No tocante aos agressores, a compreensão das emoções relacionadas aos atos agressivos que praticam pode auxiliá-los a desenvolverem maior domínio sobre si e a se relacionar com seus pares de forma não violenta.²⁰

Diante do exposto, pode-se depreender que esse tipo de investigação, com vistas a conhecer o que os alunos envolvidos em situações de *bullying* (vítimas e agressores) sentem, é necessário não somente por razões teóricas, mas também a partir de uma perspectiva aplicada,^{10,21} na medida em que a construção de saberes sobre a temática pode subsidiar práticas baseadas em evidências, com caráter preventivo e de promoção da saúde e do desenvolvimento. Tais saberes podem ainda embasar estratégias de enfrentamento do *bullying* que visem à promoção de ações integrais e interseccionais, especialmente entre a saúde e a educação, considerando, principalmente, que as emoções associadas a episódios de *bullying* ainda é tema pouco investigado pela literatura.¹⁸ Diante disso, os objetivos do presente estudo foram estimar a prevalência de *bullying* escolar e identificar as emoções dos estudantes envolvidos.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa transversal, de caráter descritivo, desenvolvida a partir da aplicação de um questionário estruturado em uma amostra aleatória estratificada, composta por 232 alunos do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual localizada em um municí-

pio do interior do Estado de São Paulo. A escola foi selecionada por conveniência por constituir um campo de pesquisa e extensão universitária, vinculado ao grupo de pesquisa ao qual pertencem os pesquisadores.

Cumprido destacar que se consideram como vítima de *bullying* os alunos que referem ter se envolvido em situações de agressão, ameaça, humilhação ou exclusão social por tempo igual ou superior a três vezes (≥ 3) nos últimos 30 dias.⁷ Para o cálculo do tamanho da amostra foram considerados os seguintes parâmetros: população de alunos da escola igual a 571, prevalência de desfecho (ocorrência de três ou mais episódios de *bullying* conhecido nos últimos 30 dias igual a 50%), erro amostral de cinco pontos percentuais e intervalo de confiança de 95% ($\alpha=0,05$). Considerando-se ajuste para população finita e somados 15% referentes a possíveis perdas ou recusas, obteve-se uma amostra final de 232 alunos.

Como critérios para participação na pesquisa, o aluno deveria, primeiramente, estar matriculado, ser frequente às aulas, estar presente no dia em que o questionário foi aplicado e apresentar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por um responsável pelo aluno. A coleta dos dados foi realizada mediante a aplicação do questionário autoaplicável e de forma anônima. Este instrumento foi elaborado a partir de evidências científicas e de outros questionários, construídos para a investigação das emoções associadas a situações de *bullying* no contexto escolar.²²⁻²⁴

Após a sua elaboração, o questionário foi submetido à avaliação de três juízes especialistas em violência escolar, que realizaram a análise estrutural e de conteúdo. Houve ainda uma preocupação em se testar a adequação das questões do questionário à compreensão do público-alvo (adolescentes), mediante a realização de um pré-teste conduzido junto a um grupo de três alunos (cerca de 10% da amostra, $n=23$), também estudantes do Ensino Fundamental. Esses alunos foram selecionados aleatoriamente em outra escola da rede pública estadual, com características semelhantes à escola do estudo definitivo.

A versão final do questionário ficou composta por 19 questões, subdivididas em três partes: 1) Identificação (idade, sexo, ano escolar, reprovação e cor da pele); 2) Caracterização da vitimização (tipo de agressão sofrida, frequência, locais de ocorrência, idade e sexo dos agressores, busca de ajuda de adultos, e emoções relacionadas à agressão sofrida); e 3) Caracterização das agressões

(tipo de agressão, frequência, locais de ocorrência, idade e sexo dos agressores, e emoções relacionadas à vítima). São exemplos de algumas questões: você já foi agredido, ameaçado, humilhado ou excluído por colegas na escola? Como você se sentiu ao ser agredido, ameaçado, humilhado ou excluído por colegas? Você alguma vez agrediu, ameaçou, humilhou ou excluiu algum colega na escola? Como você se sentiu quando você agrediu, ameaçou, humilhou ou excluiu algum colega? As questões eram de múltipla escolha e as respostas para as emoções foram limitadas em cinco opções (desmotivação, medo, raiva, tristeza, vergonha e nenhuma), apontadas pela literatura como sendo as mais prevalentes. Entretanto, existia uma opção para o acréscimo de outras opções se a emoção experimentada não tivesse sido contemplada nas opções elencadas.

A coleta de dados foi realizada pelos pesquisadores durante o período de aula dos alunos, por meio de encontros com as turmas selecionadas (sexto ao nono ano do Ensino Fundamental). Os pesquisadores apresentavam o questionário e em seguida permitiam o seu preenchimento que durava, em média, 30 minutos. Durante todo o procedimento os alunos foram acompanhados e as dúvidas esclarecidas.

Para a análise dos dados, as respostas fornecidas pelos participantes foram inseridas em uma planilha no Programa *Microsoft Excel* para que pudessem ser tratadas mediante estatística descritiva, que possui como objetivo básico sintetizar informações, de modo a permitir uma visão global da variação dos valores apresentados. Os resultados foram organizados e descritos de duas maneiras: tabelas e medidas descritivas.

A direção da escola autorizou a realização da pesquisa e o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - EERP-USP (Protocolo n. 1422/2011). Anteriormente à coleta dos dados, todos os alunos receberam informações sobre a pesquisa e, para os interessados em participar do estudo, apresentou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para ser assinado por um responsável.

RESULTADOS

No tocante à distribuição das características sociodemográficas (idade, ano escolar, sexo, reprovação e cor da pele), apresentadas na tabela 1, a idade dos alunos que compuseram a amostra

(n=232) investigada apresentou variação entre 10 e 18 anos, com concentração entre 13 e 15 anos (58,6%), o que pode ser justificado pelo fato de que a maioria pertencia a séries mais avançadas, referentes ao oitavo e nono anos (54,3%). A distribuição entre os sexos se apresentou a maioria dos sujeitos pertencente ao sexo feminino (53,0%). Observou-se que mais três terços dos participantes referiram nunca terem sido reprovados (76,3%). Quanto à cor da pele, nota-se predominância de pardos e brancos (81,8%).

Tabela 1 - Caracterização dos alunos segundo ano escolar, sexo, faixa etária e número de reprovações. Ribeirão Preto-SP, 2014

Variável	n	%
Sexo		
Masculino	109	47,0
Feminino	123	53,0
Idade		
10 a 12	90	38,8
13 a 15	136	58,6
16 a 18	6	2,6
Ano escolar		
6º	52	22,4
7º	54	23,3
8º	61	26,3
9º	65	28,0
Cor da pele		
Branca	87	37,5
Preta	32	13,8
Parda	103	44,3
Amarela	5	2,2
Indígena	5	2,2
Reprovação escolar		
Nenhuma	177	76,3
Uma	35	15,1
Duas	14	6,0
Três ou mais	6	2,6

Abordando especificamente o envolvimento em situações de *bullying*, obteve-se que 22,2% dos participantes se enquadravam no perfil de vítimas e 17,4% no perfil de agressores. A distribuição de vitimização entre os sexos se mostrou equivalente. Em relação à idade das vítimas, houve uma maior concentração aos 13 anos (64,8%). Para os agressores, a porcentagem de meninos (54,9%) se mostrou mais elevada em comparação às meninas (45,1%). A idade apresentada pela maioria dos agressores foi 14 anos (46,8%).

Referente à natureza das agressões sofridas pelas vítimas, observou-se uma prevalência da-

quelas de natureza verbal (68,2%), com destaque para insultos, xingamentos e apelidos. Entre as meninas, as agressões se direcionavam, em sua maioria, a características pessoais ou a outras situações relacionadas à condição de feminilidade, tais como o uso de maquiagem, por exemplo. Em contraposição, entre os meninos, as agressões convergiam em questões relacionadas com a cor da pele. Eles também mencionaram, em menor proporção o desaparecimento de objetos pessoais ou o manuseio deles por colegas, sem a permissão.

Por outro lado, o enfoque da natureza das agressões praticadas pelos agressores denota que para o sexo feminino as agressões verbais, principalmente os apelidos, representam uma tônica (53,8%), ao passo em que para os meninos as agressões de natureza física, tais como socos, empurrões, chutes são mais comuns (43,6%). Também citam furto ou dano de objetos pessoais de colegas.

Conforme apresentado na tabela 2, a raiva foi a emoção que prevaleceu para as vítimas, ao serem agredidas, tanto para as meninas (70,4%) quanto para os meninos (52,0%). As informações referentes à desmotivação, igualmente, merecem destaque por se apresentarem em níveis mais altos para as meninas. Isso pode significar que elas não se sentem possuindo condições necessárias para autoproteção, o que pode induzi-las a também se desmotivar em relação aos estudos ou faltar às aulas na intenção de se esquivar de sofrer novas agressões. Tristeza e vergonha também se destacaram para ambos os sexos. Essas emoções podem gerar sensação de impotência e, assim, intensificar o sofrimento vivenciado.

Tabela 2 - Distribuição das vítimas de *bullying*, segundo a emoção gerada frente as agressões sofridas. Ribeirão Preto-SP, 2014

Emoções	Feminino (n=27)		Masculino (n=25)	
	n	%	n	%
Nenhuma	03	11,1	03	12,0
Medo	03	11,1	02	8,0
Desmotivação	11	40,7	03	12,0
Tristeza	15	55,5	07	28,0
Vergonha	15	55,5	06	24,0
Raiva	19	70,4	13	52,0

Os resultados permitiram observar que as vítimas que referiram emoção de tristeza também se sentiram envergonhadas ao serem agredidas. Aquelas que foram alvos de agressões verbais manifestaram desmotivação e falta de vontade

de ir à escola. A raiva se fez mais presente para as vítimas envolvidas em situações de fofoca. Não sentir nenhuma emoção foi uma resposta preponderante em vítimas do sexto ano escolar e com 11 anos de idade.

Em relação às emoções geradas nos agressores no momento das agressões por eles praticadas (Tabela 3), não sentir nenhuma emoção prevaleceu para ambos os sexos, indicando uma ausência de identificação com a vítima, talvez por não reconhecerem a extensão e gravidade da violência ao bem-estar físico, emocional ou social dos alunos vitimizados. Essa ausência de empatia pode colaborar para que as agressões se intensifiquem se nenhuma intervenção for realizada com vistas a evitar a sua continuidade.

Tabela 3 - Distribuição dos agressores de *bullying*, segundo o relato da emoção gerada durante as agressões praticadas. Ribeirão Preto-SP, 2014

Emoções	Feminino (n=12)		Masculino (n=27)	
	n	%	n	%
Nenhuma	03	25,0	11	40,7
Medo	-	-	02	7,4
Desmotivação	03	25,0	01	3,7
Tristeza	03	25,0	07	25,9
Vergonha	01	8,3	-	-
Raiva	02	16,7	08	29,6

Depreende-se dos resultados que os alunos que agrediram seus pares fisicamente foram os que demonstraram não sentir emoções ou então sentir raiva durante as agressões. Por outro lado, aqueles que realizaram agressões de natureza verbal apresentaram maior quantidade de vergonha. A maior quantidade de agressores se concentrou no sexto ano escolar e aos 11 anos de idade.

DISCUSSÃO

Considerando os objetivos deste estudo, nas análises realizadas destacam-se, primeiramente, os resultados referentes ao envolvimento dos alunos em situações de *bullying*, cuja prevalência se mostrou elevada (39,6%), denotando uma maior quantidade de vítimas em comparação com agressores. O envolvimento total dos alunos investigados se mostrou acima do resultado de 28,0% obtido pela Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar realizada no ano de 2012.⁸ Por outro lado, a frequência localizada neste estudo segue em consonância com os resultados de outras investigações, que

concluíram, inclusive, que a elevada prevalência de *bullying* nos ambientes escolares o caracteriza como um importante problema social e de saúde pública. Tais estudos sinalizam ainda que medidas de prevenção, enfrentamento e controle do *bullying* nos contextos escolares necessitam ser realizadas nos seus determinantes pessoais e contextuais (micro e macro), mediante a convergência de esforços intersetoriais, com vistas a se abordar o problema no nível de complexidade que apresenta.^{3,5,15,24}

A idade dos alunos investigados, tanto para vítimas quanto para agressores, se apresentou concentrada em torno dos 13 aos 14 anos, contrariando o que é consenso na literatura, que admite a existência de picos de vulnerabilidade ao *bullying* nos momentos de transição no ensino que, na realidade brasileira, correspondem ao sexto ano do Ensino Fundamental e ao primeiro ano do Ensino médio, períodos em que os alunos geralmente possuem 11 e 15 anos respectivamente.^{3,5} Contudo, esse resultado necessita ser interpretado com cautela, uma vez que a maioria dos estudantes investigados pertence a anos escolares mais avançados (oitavo e nono). Deste modo, a pequena quantidade de participantes do sexto ano pode ter influenciado os resultados. No tocante ao sexo, os meninos demonstraram praticar mais agressões em comparação com as meninas, resultado congruente com as indicações de outros estudos.²⁴⁻²⁷

A maioria das agressões praticadas no contexto escolar investigado foi de natureza verbal, o que sugere uma aparente contradição com os dados referentes ao sexo, uma vez que se espera que os meninos se envolvam mais em ataques de natureza física, enquanto as meninas pratiquem mais agressões verbais.²⁸ Não obstante, é possível que esse dado possa ser interpretado na linha das proposições feitas por outro estudo nacional⁵ que identificou uma prevalência de agressões de natureza verbal ocorrendo de modo independente do sexo dos agressores, na medida em que geralmente são interpretadas pelas autoridades escolaridades como possuindo menor gravidade e, portanto, menos sujeitas a receber punições severas. Assim, as agressões verbais podem ser praticadas em maior quantidade por ambos os sexos por serem confundidas com brincadeiras ou provações típicas da idade.²⁹

Considerando os resultados encontrados acerca das emoções geradas no contexto das agressões de *bullying*, a resposta que mais prevalece entre as vítimas de ambos os sexos foi a raiva. Embora ainda existam poucas informações sobre como

os estados emocionais de crianças e adolescentes frente a situações de *bullying* se relacionam com a reação que apresentam perante a agressão sofrida, depreende-se que as emoções podem funcionar como catalisadores desse processo, estimulando reações mais ou menos adequadas ao enfrentamento da violência.¹⁰ A raiva, por exemplo, se encontra associada a formas específicas de ação, como a luta, que tanto pode interromper a situação de violência iniciada quanto aumentar a quantidade de agressões se a vítima não possuir força física suficiente para realizar a sua autodefesa.¹⁸

Outra possibilidade é que a raiva estimule as vítimas a reproduzir as agressões sofridas em outros alunos com menores condições de autodefesa, do ponto de vista físico, psicológico ou social. Assim, a violência se amplia e intensifica, gerando um ciclo de consequências negativas para toda a comunidade escolar, tendo em vista, ainda, que a maioria dos alunos presenciam as agressões praticadas com os colegas.³⁰ Como se pode perceber, a convivência social na escola também se encontra influenciada pelas emoções geradas nas interações estabelecidas entre os alunos e, portanto, a identificação de quais emoções preponderam diante de situações específicas de relacionamento interpessoal, tal como aquelas assinaladas por violência, é de fundamental importância para o seu enfrentamento pelas autoridades escolares mediante a elaboração de intervenções mais contextualizadas.¹

Duas outras emoções experimentadas pelas vítimas em níveis mais elevados foram: tristeza e vergonha. No contexto de *bullying* a tristeza pode indicar para o aluno que ele se encontra desadaptado do ambiente escolar, o que pode gerar sensação de incapacidade para lidar com as agressões. A tristeza igualmente fornece informações essenciais relacionadas à saúde e ao bem-estar do aluno, considerando-se que, quando experimentada em estados prolongados, ela pode ocasionar problemas de saúde física (insônia) e mental (depressão).¹⁸ A vergonha, por outro lado, pode induzir as vítimas a não se defenderem por receio de serem novamente alvo de agressões ou humilhações. Ela também desestimula o pedido de ajuda para colegas, professores ou familiares.²⁶

A desmotivação, em seu turno, como uma emoção secundária, influenciada por características sociais e culturais, surge em decorrência da existência de outras emoções de natureza primária, como a tristeza. Ela pode influenciar na qualidade das relações das vítimas com colegas e professores,

gerar isolamento social e prejudicar o desempenho escolar.²⁷ Já o medo estimula a adoção de medidas que visem à garantia de segurança, porém, em alta concentração, se associa à impotência em relação a autodefesa e pedidos de ajuda.

Por outro lado, algumas vítimas referiram não sentir nenhuma emoção durante as agressões que sofreram. Esse achado pode indicar que elas interpretam aos atos de violência como brincadeiras inofensivas ou então como comportamentos “normais” que elas devem suportar por fazerem parte da convivência com seus pares. Isso sinaliza uma concepção naturalizante da violência que impossibilita a elaboração de leituras mais críticas dos contextos, o que é essencial ao processo de desenvolvimento saudável e para o enfrentamento das situações de violência.

Para os agressores, prevaleceu a resposta referente a não sentir nenhuma emoção durante a prática de agressões, para ambos os sexos, sinalizando uma ausência de identificação com as vítimas. A falta de empatia, nestes casos, se relaciona à continuidade das situações de *bullying*, uma vez que os agressores não compreendem ou se identificam com o sofrimento que estão provocando nos colegas.¹⁰ Essa condição é particularmente grave para os meninos investigados, considerando que a maioria deles relatou não sentir nada enquanto agrediam os colegas. Em contraposição, a tristeza, a vergonha e a desmotivação podem desestimular a violência, em função dos agressores compreenderem o dano causado às vítimas ou a inadequação de seu comportamento à convivência no ambiente escolar. Os resultados indicaram que as meninas agressoras se encontram mais propensas a demonstrarem essas emoções.

Observa-se, com base nos dados obtidos, que os agressores também demandam cuidados, pois se encontram sujeitos às consequências das agressões que praticam. É característico que apresentem distanciamento e falta de adaptação aos objetivos escolares, uma supervalorização da violência como forma de obtenção de poder e inserção social, além da manutenção de condutas violentas na vida adulta.³¹ Dentre algumas das consequências acarretadas pelo *bullying* na vida adulta dos agressores se incluem o abuso de substâncias psicoativas, o desemprego, o envolvimento criminal e o diagnóstico de personalidade antissocial. Já as vítimas, geralmente apresentam depressão, transtorno de pânico e suicídio.³² Portanto, os efeitos negativos do *bullying* não podem ser ignorados ou subestimados, e medidas de contenção e pre-

venção de comportamentos agressivos necessitam ser priorizadas em intervenções abrangentes que envolvam, especialmente, alunos, escola, família, comunidade e serviços de saúde.

Assim sendo, o conhecimento das emoções associadas ao *bullying* em vítimas e agressores constitui um ponto de partida importante para subsidiar estratégias de enfrentamento deste tipo de violência, por ajudar a entender o modo como as agressões são recebidas e as possíveis reações emocionais delas decorrentes. A esse respeito, medidas de promoção da autoestima nas vítimas poderão servir para ajudá-las a se defender perante o *bullying*. De igual modo, ações que as estimulem ao estabelecimento de maior vinculação com colegas, familiares e professores oportunizam melhores condições para o relato das agressões e pedidos de ajuda, possibilitando a quebra de um ciclo que, muitas vezes, se perpetua com o silêncio. Em relação aos agressores, estratégias direcionadas à melhoria do convívio social, respeito às diferenças e incentivo a interações não violentas representam possíveis caminhos a serem trilhados. Denota-se, ainda, a necessidade de implementação de outras medidas envolvendo diferentes setores, com vistas à construção de práticas de cuidado integral que minimizem o impacto negativo do *bullying* sobre o bem-estar físico, emocional e escolar de vítimas e agressores.³³

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prevalência de *bullying* identificada neste estudo constitui subsídio para a elaboração de programas destinados à prevenção ou enfrentamento deste fenômeno contextualizados na realidade investigada. Além disso, a identificação das emoções associadas à ocorrência de *bullying* entre pares no contexto escolar colaborou para a compreensão de uma relação ainda pouco explorada pelas investigações desenvolvidas acerca desta temática. A delimitação das emoções geradas em vítimas e agressores é fundamental à compreensão do modo como as agressões são experimentadas pelas vítimas, bem como ao papel que desempenham junto aos agressores, no sentido de modularem a continuidade ou interrupção das situações de violência por eles praticadas. Essas informações podem subsidiar o planejamento de intervenções que estejam em maior consonância com o impacto gerado pelo *bullying* à saúde física, mental e à qualidade da experiência escolar dos estudantes. Além disso, podem constituir ponto de partida para futuras pesquisas acerca das relações entre

bullying e saúde escolar, bem como incentivo à construção de modelos teóricos destinados ao esclarecimento destas questões.

Como as consequências do *bullying* não se encontram circunscritas ao período de escolarização, apresentando, muitas vezes, efeito cascata, de modo a se estenderem ao trabalho, por exemplo, o auxílio às vítimas e aos agressores, com vistas a conscientizá-los das emoções por eles experimentadas, torna-se importante para que se sintam capazes de lidar com a diversidade das situações de violência ou conflito em que estejam envolvidos. Não obstante, é importante salientar que, se ficarem circunscritas apenas ao nível individual, tais ações podem perder eficácia em função dos aspectos sociais e institucionais que exercem efeito sobre a violência escolar.

Assim, uma abordagem pautada em princípios de saúde pública necessita abranger outros setores e incluir toda a comunidade escolar, mediante o desenvolvimento de um trabalho de natureza interdisciplinar e intersetorial, como aqueles suscitados pelas iniciativas políticas de incentivo à inserção de profissionais da saúde no ambiente escolar para que desenvolvam estratégias de promoção e educação em saúde. Tais medidas podem oportunizar aos estudantes um ambiente percebido como seguro e favorável à manutenção de saúde mental, bem como a consolidação de habilidades pessoais para lidarem adequadamente com as situações de conflito.

REFERÊNCIAS

1. Sánchez V, Ortega R, Menesini E. La competencia emocional de agresores y víctimas de bullying. *An Psicol.* 2012 Jan; 28(1):71-82.
2. Wynne SL, Joo HJ. Predictors of school victimization: individual, familial, and school factors. *Crime Delinquency.* 2011 Mai-Jun; 37(3):458-88.
3. Olweus D. School bullying: development and some important challenges. *Annu Rev Clin Psycho.* 2013 Mar; 9:751-80.
4. Pingoelo I, Horiguela MLM. Bullying na sala de aula. *De Jure.* 2010 Jul-Dez; 15(2):145-56.
5. Silva JL, Oliveira WA, Bazon MR, Cecilio S. Bullying na sala de aula: percepção e intervenção de professores. *Arq Bras Psicol.* 2013 Jan-Abr; 65(1):121-37.
6. Harel-Fisch Y, Walsh SD, Fogel-Grinvald H, Amitai G, Pickett W, Molcho M, et al. Negative school perceptions and involvement in school bullying: a universal relationship across 40 countries. *J Adolescence.* 2010 Ago-Set; 34(4):639-52.
7. Due P, Merlo J, Harel-Fisch Y, Damsgaard MT, Holstein BE, Hetland J, et al. Socioeconomic inequality in exposure to bullying during adolescence: a comparative, cross-sectional, multilevel study in 35 countries. *Am J Public Health.* 2009 Mai; 99(5): 907-14.
8. Ministério da Saúde (BR). Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar [online]. Brasília (DF): IBGE; 2012 [acesso 2013 Out 1]. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/2012/pense_2012.pdf
9. Kukawadia A, Craig W, Janssen I, Pickett W. Bullying as a mediator of relationships between adiposity status and weapon carrying. *Int J Public Health.* 2012 Jun-Jul; 57(3):505-12.
10. Barhight LR, Hubbard JA, Hyde CT. Children's physiological and emotional reactions to witnessing bullying predict bystander intervention. *Child Dev.* 2013 Jan-Fev; 84(1):375-90.
11. Levin J, Madfis E. Mass murder at school and cumulative strain: a sequential model. *Am Behav Sci.* 2009 Mai; 52(9):1227-45.
12. Lynne-Landsman SD, Graber JA, Nichols TR, Botvin GJ. Trajectories of aggression, delinquency, and substance use across middle school among urban, minority adolescents. *Aggressive Behav.* 2011 Abr-Mai; 37(2):161-76.
13. Zaine I, Reis MJD, Padovani RC. Comportamentos de bullying e conflito com a lei. *Estud Psicol.* 2010 Jul-Set; 27(3):375-82.
14. Popp AM. The effects of exposure, proximity, and capable guardians on the risk of bullying victimization. *Youth Violence Juvenile Justice.* 2012 Out-Dez; 10(4):315-32.
15. Anthony BJ, Wessler SL, Sebian JK. Commentary: Guiding a public health approach to bullying. *J Pediatr Psychol.* 2010 Nov-Dez; 35(10):1113-15.
16. Sourander A, Klomek A, Kumpulainen K, Puustjärvi A, Elonheimo H, Ristkari T, et al. Bullying at age eight and criminality in adulthood: Findings from the Finnish Nationwide 1981 Birth Cohort Study. *Soc Psych Psych Epid.* 2011 Dez; 46(12):1211-9.
17. Bonomo MAS, Araujo TCCF. Psicologia aplicada à cardiologia: um estudo sobre emoções relatadas em exame de Holter. *Psic Teor Pesq.* 2009 Jan-Mar; 25(1):65-74.
18. Vie TL, Glasø L, Einarsen S. How does it feel? Workplace bullying, emotions and musculoskeletal complaints. *Scand J Psychol.* 2012 Abr-Mai; 53(2):65-173.
19. Roazzi A, Dias MGBB, Silva JO, Santos LB, Roazzi MM. O que é emoção? Em busca da organização estrutural do conceito de emoção em crianças. *Psicol Reflex Crit.* 2011 Jan-Mar; 24(1):51-61.
20. Pavarini G, Loureiro CP, Souza DH. Compreensão de emoções, aceitação social e avaliação de atributos

- comportamentais em crianças escolares. *Psicol Reflex Crit.* 2011 Jan-Mar; 24(1):135-43.
21. Pereira BO. Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. 2ª ed. Braga (Portugal): FCT; 2008.
22. Observatório da infância [página na Internet]. Rio de Janeiro (RJ); 2009 [acesso 2009 Mai 17]. Disponível em: www.observatoriodainfancia.com.br
23. Kidscape [página da internet]. London (UK); 2009 [acesso 2009 Mai 17]. Disponível em: <http://www.kidscape.org.uk/>
24. Ttofi MM, Farrington, DP. Effectiveness of school-based programs to reduce bullying: a systematic and meta-analytic review. *J Exp Criminology.* 2011 Mar-Mai; 7(1):27-56.
25. Bandeira CM, Hutz CS. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Psicol Esc Educ.* 2010 Jan-Jun; 16(1):35-44.
26. Garner PW, Hinton TS. Emotional display rules and emotion self-regulation: associations with bullying and victimization in community-based after school programs. *J Community Appl Soc.* 2010 Nov-Dez; 6(6):480-96.
27. Moura DR, Cruz ACN, Quevedo LA. Prevalência e características de escolares vítimas de *bullying*. *J Pediat.* 2011 Jan-Fev; 87(1):19-23.
28. Cullen FT, Unnever JD, Hartman JL, Turner MJ, Agnew R. Gender, bullying victimization, and juvenile delinquency: a test of General Strain Theory. *Victims Offenders.* 2008 Out-Dez; 3(4):346-64.
29. Hernandez D, Floden L, Bosworth K. How safe is a school? An exploratory study comparing measures and perceptions of safety. *J School Violence.* 2010 Out-Dez; 9(4): 357-74.
30. Janosz M, Archambault I, Pagani LS, Pascal S, Morin AJ, Bowen F. Are there detrimental effects of witnessing school violence in early adolescence? *J Adolescent Health.* 2008 Dez-Jan; 43(1):600-8.
31. Bourke S, Burgman I. Coping with bullying in Australian schools: how children with disabilities experience support from friends, parents and teachers. *Disabil Soc.* 2010 May; 25(3):359-71.
32. Hertz MF, Donato I, Wright J. Bullying and suicide: a public health approach. *J Adolescent Health.* 2013 Jul; 53(1Suppl):S1-3.
33. Lopes MSV, Saraiva KRO, Fernandes AFC, Ximenes LB. Análise do conceito de promoção da saúde. *Texto Contexto Enferm.* 2010 Jul-Set; 19(3): 461-8.

Correspondência: Marta Angélica Iossi Silva
Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública
Avenida Bandeirantes, 3900, Sala 72
14040-902 – Ribeirão Preto, SP, Brasil
E-mail: maioffi@eerp.usp.br

Recebido: 26 de novembro de 2013
Aprovado: 24 de novembro de 2014